



ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA

Educação Sexual em Rede



Nº 1 JULHO / SETEMBRO DE 2005

Com o apoio:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



- 6 **Editorial** – ou os porquês desta revista
- 8 **Reflexão e Debate**
8 “A Educação Sexual faz sentido no actual contexto de mudança?”
 Duarte Vilar
- 15 **Por Estas Bandas – Projectos em Curso**
15 Escola Secundária Jaime Moniz
 “Projecto Pares – Um Projecto de educação para a Sexualidade”
- 21 **A Educação Sexual – por Outras Bandas**
21 “Educação Sexual em Espanha”
 Félix Lopez Sánchez
- 25 **Trabalhando Temas**
25 Actividade “Nós fomos assim...”
 Ana Jorge Santos
 Andrea Diegues
 Isabel Leal
- 28 Actividade “Completa a frase”
- 29 **Recursos**
29 “Na tua casa ou na minha”
 Maia Eugénia Lemos
- 30 “Educação Sexual
30 Contextos de Sexualidade e Adolescência”
 António Manuel Marques
- 31 **Notícias**



Director

Duarte Vilar

Director Adjunto

Fernanda Branco

Coordenadora

Elisa Guerreiro

Conselho Editorial

Adelaide Brito
António Filhó
Eduarda Meneses
Eugénia Lemos
Fátima Forreta
Gabriela Moita
Helena Camacho
Isabel Carreira
Ivone Félix
Jesuína Pereira
Manuela Sampaio
Mílce Ribeiro
Oília Roque
Patrícia Pasadas
Vânia Fernandes

Redacção

António Manuel Marques
Duarte Vilar
Elisabete Carriço
Elisabete Souto

Propriedade

APF – Associação para o Planeamento da Família

Redacção e Sede

Rua Artilharia Um, 38 – 2º Dto. – 1250-040 Lisboa
Tel.: 21 385 39 93 – Fax: 21 388 73 79
E.Mail: apfsede@dlix.pt

Design e Produção

Salomé Lage – riskideia@dlix.pt

Impressão

Bloco Gráfico, Lda

Tiragem

4000 exemplares

Depósito Legal nº 232890/05**Registo n.º 124708****ISBN nº 1646-1541****Preço de Capa**

€ 4.00

Assinatura Anual**Individual:**

€ 10.00

Sócios APF e Membros da REDES:

€ 8.00

Escolas e Instituições:

€ 15.00

Desdobráveis informativos

A APF produziu recentemente uma nova colecção de desdobráveis informativos sobre métodos contraceptivos.

- Pílula
- Dupla Protecção
- Adesivo Contraceptivo
- Dispositivo Intra Uterino
- Métodos Cirúrgicos
- Ciclo Menstrual
- Infecções sexualmente Transmissíveis
- Infertilidade
- Sexualidade e Abuso de Drogas



Cartazes

Os direitos que assistem aos jovens, procedimentos a ter em conta pelos profissionais que trabalham com adolescentes e os diversos métodos contraceptivos, em 3 novos cartazes informativos produzidos pela APF.

- Jovens
- Para quem trabalha com Jovens
- A Dois – Partilhar a Prevenção



Livros

Três livros que resultam do trabalho desenvolvido pela Delegação Regional do Alentejo no âmbito do Projecto de investigação-acção destinado às adolescentes grávidas e mães adolescentes do Distrito de Évora.

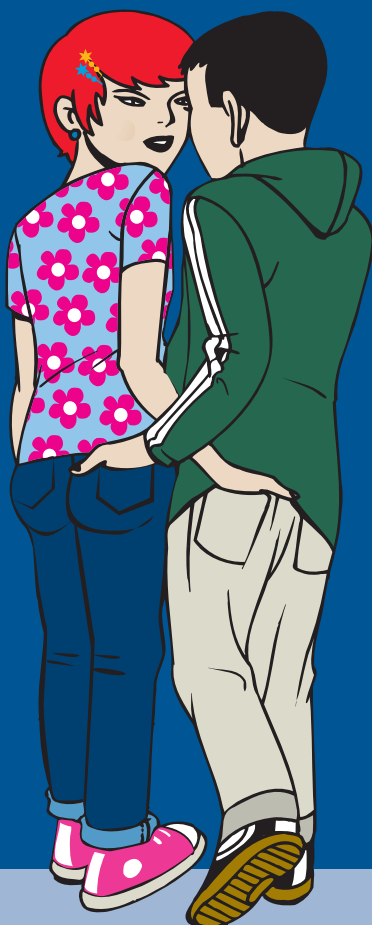
- Mamãs de Palmo e Meio Gravidez e Maternidade na Adolescência
- Prevenção de Riscos Associados ao Comportamento Sexual Gravidez não Desejada, DST e SIDA
- Mamãs de Palmo e Meio Testemunhos



Síntese dos resultados do Projecto Planeamento Familiar e Saúde Reprodutiva das Mulheres Portuguesas nos anos 90, que decorreu entre 1998 e 2000, e fruto de uma parceria científica entre o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS) e a APF, o presente estudo, da autoria de Ana Nunes de Almeida, Duarte Vilar, Isabel André e Piedade Lalanda, apresenta e discute percursos de saúde reprodutiva das mulheres portuguesas na sua tripla vertente da sexualidade, procriação e contracepção.

- Fecundidade e Contracepção. Percursos de Saúde Reprodutiva das Mulheres Portuguesas

NA TUA CASA OU NA MINHA

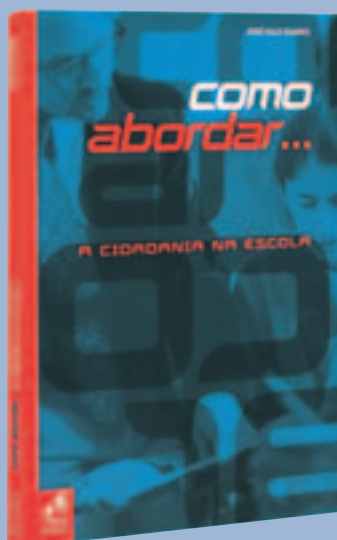


Na tua casa ou na minha é a tradução portuguesa de **En tu casa o en la mía**. Numa altura em que, em Portugal, se começa a encarar seriamente a educação sexual dos jovens, nomeadamente pela introdução, sempre controversa, deste tema no âmbito da Escola, faz-se sentir, mais do que nunca, a necessidade de uma abordagem descontraída e descomprometida do tema. Escrito numa linguagem acessível mas rigorosa, a autora oferece-nos uma abordagem sem tabus do tema da sexualidade nos adolescentes e nos jovens. O enorme sucesso que esta obra obteve na vizinha Espanha não será certamente alheio ao facto de ter nascido das interrogações e dúvidas reais colocadas por adolescentes durante as emissões do programa radiofónico que lhe deu origem.



Na base da edição portuguesa da obra está a constatação, cada vez mais óbvia, que a informação é a melhor forma de prevenir problemas como a gravidez na adolescência ou as doenças sexualmente transmissíveis, como a SIDA. Este livro constitui também uma útil ferramenta de trabalho ou de consulta para os educadores e pais que, cada vez mais, são solicitados a participar na educação sexual dos jovens.

COMO abordar... coleção



PREPARAR OS TESTES

TERCEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO | 7.º ANO | 8.º ANO

> RESUMOS TEÓRICOS > EXERCÍCIOS RESOLVIDOS > EXERCÍCIOS PROPOSTOS > TESTES DE AVALIAÇÃO > TESTES GLOBAIS > SOLUÇÕES EM SEPARATA



ENSINO SECUNDÁRIO | 10.º ANO | 11.º ANO

> RESUMOS TEÓRICOS > EXERCÍCIOS RESOLVIDOS > EXERCÍCIOS PROPOSTOS > TESTES DE AVALIAÇÃO > TESTES GLOBAIS > SOLUÇÕES



E TAMBÉM À VENDA NAS MELHORES LIVRARIAS

Editorial

(ou os porquês desta revista)

Duarte Vilar
Director

Uma história

Apresentamos o primeiro número da revista “Educação Sexual em Rede” e queremos, em primeiro lugar, dizer que ela tem uma história, ou melhor, integra-se numa história que vale a pena contar de forma resumida.

A Associação para o Planeamento da Família – APF – entidade que publica esta revista, tem desenvolvido, desde há mais de duas décadas, uma intensa actividade na promoção da educação sexual nas escolas.

Nascida em 1967, a APF foi sendo solicitada, a partir do 25 de Abril de 1974, a realizar acções de informação sobre planeamento familiar nas escolas. Estes pedidos tinham como base a constatação da falta de informação dos jovens nestas matérias e a existência de muitos casos de gravidez em adolescentes (de facto, no final da década de 70, ocorreu o maior pico de gravidez na adolescência em Portugal).

Cedo, no entanto, se colocaram dois tipos de questões ao nosso trabalho: por um lado, os temas do planeamento familiar davam quase sempre lugar à colocação de inúmeras perguntas sobre sexualidade; por outro lado, sentíamos que este tipo de acções nas escolas era pontual, uma gota de água num oceano de necessidades, e que valia a pena pensar mais longe, numa verdadeira estratégia para a inclusão regular da educação sexual nas escolas.

Em relação à primeira questão, no início dos anos 80, resolvemos iniciar experiências mais duradouras de trabalho, que nos permitiram

aprender quais as necessidades dos jovens nesta área e aprender com os próprios jovens a falar de sexualidade, com tudo o que a sexualidade implica – corpo, afectos, prazer, género, valores, relações, crescimento, prevenção, etc. Em relação à segunda questão, resolvemos, a partir de 1984, desenvolver a formação de professores e outros profissionais e produzir recursos didácticos que os ajudassem a serem capazes de aprender, também, a falar da sexualidade (com tudo o que ela implica). Somos, de facto, uma referência para as escolas e professores.

Também em 1984 apresentámos ao Ministério da Educação a nossa primeira proposta para a inclusão da educação sexual nas escolas portuguesas. A partir daí, não houve nenhum governo que não conhecesse as propostas da APF. Entre 1995 e 1998, por proposta nossa, realizou-se um projecto experimental, numa parceria que envolveu a APF e os ministérios da Educação e da Saúde, do qual surgiu o documento “Linhas Orientadoras para a Educação Sexual em Meio Escolar”.

Em Outubro de 2000, a APF celebrou um protocolo de colaboração com o Ministério da Educação, ainda em vigor, que permitiu que, em 4 anos, realizássemos cerca de 2000 acções em outras tantas escolas e agrupamentos.

A revista

Esta revista surge neste contexto de trabalho e pretende ser, de algum modo, um instrumento de debate, de auto-formação e de reflexão sobre a educação sexual.

Por outro lado, ouvimos frequentes vezes dizer

que não existe educação sexual nas escolas. Se é verdade que muitas crianças e jovens ainda não têm acesso a programas e actividades de educação sexual, houve coisas que já mudaram, e muitos professores e escolas estão activamente envolvidos em acções e programas inovadores que vale a pena serem conhecidos.

Esta revista pretende, assim, dar conhecimento das muitas acções que as escolas e professores estão a fazer e promover o intercâmbio de ideias e de boas práticas. Procurará ainda contribuir para o aumento de conhecimentos acerca da sexualidade e educação sexual, nomeadamente na sua vertente pedagógica e sobre os comportamentos e as necessidades das crianças e jovens.

O momento

Finalmente, a revista surge em mais um momento de viragem nas questões da educação sexual. Os últimos três anos foram desastrosos não só para a educação sexual mas também para a promoção da saúde nas escolas. Estruturas como a Rede Nacional de Escolas Promotoras de Saúde (RNEPS) ou como a Comissão Coordenadora da Promoção e Educação para a Saúde (CCPES) foram extintas ou estão paralisadas. Chegou-se a afirmar que os professores tinham “falta de ética” para promoverem a educação sexual. O Estado demitiu-se quase totalmente de ter uma intervenção activa e preferiu delegar em diversas organizações não governamentais um papel que lhe competia também a si. Mais recentemente, uma campanha mentirosa em relação às acções da APF e às próprias “Linhas Orientadoras” tentou lançar o pânico

nas famílias e nos professores e impor, sem êxito, um modelo puritano e ultra conservador de educação sexual corporizado na famosa “Carta aberta aos pais portugueses” de William Coulson.

Neste contexto, a Ministra da Educação nomeou uma Comissão que está a fazer um processo de avaliação da situação da educação sexual nas escolas. Tornou-se a falar numa nova disciplina e foi pedido também ao Conselho Nacional de Educação um parecer sobre as formas de inclusão da educação sexual nas escolas.

Esperamos que os novos responsáveis pelas políticas educativas contribuam para uma mudança que é urgente não só na área da educação sexual, mas numa área mais geral de formação pessoal e social, de prevenção de riscos e de promoção da saúde.

Esta revista é só mais uma maneira, mais um instrumento, para pressionar as escolas, os professores e o sistema educativo português a serem mais activos e intervenientes no crescimento saudável, livre e responsável das nossas crianças e jovens.

Por último, queremos fazer referência aos apoios que recebemos da Fundação Calouste Gulbenkian e da Areal Editores sem os quais muito dificilmente se conseguiria produzir esta revista.

Para eles o nosso obrigado.



Duarte Vilar
Sociólogo
Director Executivo da APF
Professor Auxiliar no ISSSL

A Educação sexual faz sentido no actual contexto de mudança?

1. A educação sexual não profissional

Há algum tempo atrás, Helena Matos, uma cronista de um dos maiores diários portugueses, afirmava que o sexo é uma “matéria dos amantes” e não uma matéria escolar. Mais referia que, as tentativas de integrar o sexo na vida escolar, resultaram sistematicamente em tentativas de manipulação e controlo moral das crianças e jovens.

Esta crença, em parte verdadeira, é bastante frequente: a de que a sexualidade se aprende e se deve aprender – como sempre aconteceu – na própria vida quotidiana e nas interacções amorosas e que, neste processo, a intervenção de profissionais é desnecessária e mesmo indesejável.

No seu início, a ideia da educação sexual surgiu como uma reacção ao conservadorismo moral e ao silêncio a que as questões sexuais estavam votadas neste modelo moral. A ideia, era que, face ao silêncio das famílias e da sociedade, era preciso que os profissionais agissem e abordassem estas questões com os jovens, num processo com uma ampla vertente de esclarecimento e de libertação pessoais.

Tal necessidade foi também fundamentada nas questões da prevenção da gravidez não desejada e, já nos anos 90, na questão da SIDA. A educação sexual era vista, numa perspectiva de

saúde, como um factor de prevenção das doenças.

A educação sexual profissionalizada, foi assim frequentemente definida pela negativa e em alternativa ao papel que outros agentes de socialização não podiam ou não queriam realizar⁽¹⁾.

No entanto, e como é sabido, nas últimas décadas do século XX operou-se nas sociedades ocidentais um conjunto de transformações profundas e aceleradas nos valores, normas e práticas sociais sobre as questões da sexualidade (Vilar, 2003).

O modelo reprodutivo, que limitava no plano moral as expressões da sexualidade aos campos das práticas reprodutivas, do matrimónio e da heterossexualidade, deu lugar a um modelo “recreativo” em que a sexualidade é vista essencialmente como uma dimensão lúdica da vida. Esta dimensão lúdica é entendida no seu sentido mais global, ou seja, não só como a necessidade de satisfação física da “fome sexual” ou da descarga energética de que nos falavam Freud ou Reich, mas como um campo de expressão da totalidade humana – corpo, emoções, desejos, fantasias, significações e relacionamentos.

A sexualidade deixou de ser um terreno privilegiado de controlo social, tal como foi descrito por Michel Foucault (1976) para ser sobretudo um terreno de construção individual onde a diversidade parece imperar.

Como refere também Michel Bozon (2002: 31), “Na sexualidade contemporânea, a procriação

(1) Ainda hoje, a educação sexual aparece como uma reivindicação do movimento estudantil do ensino secundário, que só pode ser entendida como um protesto contra o silêncio da escola nestas matérias.

não ocupa mais do que um espaço reduzido e marginal.

A sexualidade aparece mais como uma experiência pessoal, fundamental na construção do sujeito, no centro de um domínio que se desenvolveu e ganhou um peso considerável ao longo dos séculos, a esfera da intimidade e da afectividade. O repertório sexual alargou-se, as normas e trajectórias da vida sexual diversificaram-se, os saberes e as representações da sexualidade multiplicaram-se”.

Não que tenha desaparecido o controlo social sobre a sexualidade mas, na nossa sociedade, ele opera-se sobretudo na delimitação dos comportamentos extremos e que são considerados desviantes ou criminosos, como por exemplo a pedofilia e não nos comportamentos individuais. Fora estes problemas específicos, a sexualidade é hoje socialmente considerada uma área fundamentalmente de expressão íntima dos indivíduos e dos casais, devendo ser preservada, por isso, dos ditames morais do meio social envolvente. Este conjunto de mudanças que descrevemos reflectiram-se naturalmente em todos os actores e processos e condições de socialização.

De forma resumida, podemos dizer que uma das características típicas da vivência da sexualidade na modernidade tardia é a modificação radical dos contextos comunicacionais em que ela ocorre, no sentido de uma multiplicação e quase saturação de mensagens sobre os “temas sexuais”.

De facto, a sexualidade deixou de ser um tabú. Ao contrário dos universos fechados e erotofóbicos típicos de épocas anteriores, vivemos hoje uma época de permissividade em matéria de normas de moral sexual (Reiss, 1990) e, portanto, a educação sexual informal e espontânea é actualmente mais fácil e fluente.

Por isso, e face ao processo de liberalização das normas sociais relativas à sexualidade, e face ao lugar central que as questões sexuais ocupam nos universos mediáticos da modernidade, algumas vezes, como no caso já referido, vemos surgirem posições que questionam e subvalorizam a actual necessidade da educação sexual intencional⁽²⁾.

Que papel poderá então ter a intervenção dos profissionais, na escola ou noutros círculos de socialização das crianças e dos jovens?

Redefinir a educação sexual

Parece-nos importante, no entanto, e antes de continuar a utilizar este conceito de educação sexual, que o mesmo seja revisitado já que em si mesmo contém múltiplos entendimentos e continua a ser objecto de tremendas confusões.

Sendo socialmente modelada, a sexualidade humana e as suas regras morais foram sendo construídas e modeladas nas transformações sociais mais globais, nas mudanças que se foram produzindo nas mentalidades e nas instituições com ela mais relacionadas, nomeadamente a conjugalidade e o campo das relações familiares” (Vilar, 2003).

É a esta aprendizagem específica, ou socialização, que se faz de forma intencional sobre esta “área” de questões, que se costuma designar (à falta de melhor termo) por educação sexual.

Tendo em conta as ligações da sexualidade às outras dimensões da identidade pessoal e das

(2) Veja-se também a este propósito as declarações recentes de um ministro da educação português afirmando que a educação sexual tinha sido “uma invenção” das suas antecessoras políticas (de cores diversas das suas).



relações interpessoais e a sua mediatização social, a educação sexual integra todo um conjunto de componentes de outras áreas de aprendizagem tais como os valores e os afectos, ou as questões do género, a estrutura de personalidade, as competências dos indivíduos para lidarem com a sua intimidade.

A socialização dos indivíduos na área da sexualidade é, pois, um processo em que intervêm, assumindo ou não essa intervenção, todos os actores que nos modelam a nossa identidade em todas as outras áreas da nossa vida. Falo dos contextos mais informais como o familiar – progenitores e fratria – e os pares ou amigos. Refiro-me aos grandes modeladores sociais como os mass media e refiro-me finalmente aos meios de educação formal e nestes, em primeiro lugar, a escola.

Visitemo-los então.

Os mass media e a educação sexual das crianças e jovens

Uma característica das sociedades modernas é o papel e a importância dos chamados *mass media* na circulação rápida de informações e outros produtos culturais, ideias, formas de estar na vida e valores morais que saturam os quotidianos das populações das sociedades ocidentais.

Os *mass media* são, simultaneamente, componentes das realidades modernas e (re)produtores desta(s) realidade(s).

O seu impacto é imenso na propagação das ondas de mudança social.

A abordagem de questões sexuais é uma questão essencial nos critérios de eficácia comercial dos media. Este processo de apropriação comer-

cial da sexualidade não é recente.

Ele radicou na compreensão, já antiga, de uma questão simples: a sexualidade e o erotismo fazem parte da vida das pessoas, dos seus desejos, fantasias e preocupações, é um centro de grande interesse dos indivíduos e das sociedades e, por isso mesmo, utilizando uma linguagem económica, tem não somente um valor de uso como também um valor de troca.

Como afirma Folscheid (2002:179) “É em primeiro lugar pela linguagem das imagens que o sexo constrói, hoje em dia, o seu lugar ao sol. Isto assenta perfeitamente na nossa época, que nos faz viver, de forma permanente, numa orgia de imagens de todos os tipos. No tempo do audiovisual, é normal que apareça o sexovisual... o sexo encontra nos media um excelente meio de difusão”

Que papel têm os mass media na socialização de todos nós?

Muitas vezes os *mass media* são mistificadores. Obviamente que a sexualidade e o erotismo são, tão só, uma das parcelas da nossa vida, das nossas realidades.

Por vezes a centralidade de que atrás falámos é manifestamente exagerada.

A beleza, a juventude, o desejo e a sedução podem ser partes ou momentos da realidade, mas não são toda a realidade.

Mas os *mass media* não têm uma lógica única nem coerente.

A TV e as revistas, apesar de nelas se poderem descortinar linhas de fundo manifestas em certas orientações editoriais, alteram constantemente os sentidos das suas mensagens e não fornecem (nem podem fornecer porque não é essa a sua

natureza) um encadeado lógico de mensagens. Fornecem alguma informação, mas esta informação é parcelar, espartilhada, selectiva, superficial, muitas vezes mistificadora e confusa na sua apresentação.

As mensagens audiovisuais são altamente voláteis (o que não quer dizer que não sejam eficazes).

As mensagens escritas, nomeadamente as páginas dedicadas a questões sexuais das revistas femininas, masculinas ou juvenis, consomem-se de maneira informal porque estas publicações têm uma natureza iminentemente lúdica.

Os *mass media*, sobretudo, têm alterado as paisagens morais, legitimam o que antes era oculto, e introduzem frequentemente novos temas para o debate quotidiano.

Exemplo paradigmático desta função é o papel que as famosas telenovelas brasileiras têm tido na cena mediática e social portuguesa: desde a surpresa, no final dos anos 70, do erotismo de “Gabriela, Cravo e Canela”, até às questões como a homossexualidade masculina e feminina ou a clonagem, intencionalmente introduzidas e trabalhadas pelas produtoras de novelas televisivas e que, efectivamente, acabam por provocar milhares de pequenos debates nos círculos quotidianos.

Como foi dito, os *media* influenciam poderosamente, mesmo com a sua carga mistificadora, o contexto ambiental e o das atitudes, uma vez que passam a ideia de uma realidade liberal e permissiva em que a sexualidade tem um destacado lugar.

No entanto, influenciam muito pouco o domínio dos conhecimentos, da literacia e das competências.

Neste sentido, delegar nos *mass media* o papel

principal na socialização sexual das crianças e jovens é altamente redutor e perigoso.

As famílias e a educação sexual das crianças e jovens

As mudanças referidas influenciaram também as famílias enquanto espaços de socialização sexual.

O que a seguir vamos referir resultou, no essencial, de um estudo que realizámos em 1999 e que abrangeu cerca de 100 famílias de adolescentes da região de Lisboa (Vilar, 2003).

A liberalização das normas sociais relativas à sexualidade das últimas décadas, nomeadamente em relação à sexualidade dos jovens, traduziu-se – pelo menos nas famílias que estudámos – mais em ambientes familiares permissivos e menos em práticas educativas parentais que apoiem efectivamente os jovens nas suas dúvidas ou problemas concretos relativos à sexualidade ou às suas vivências sexuais.

Tal como tivemos oportunidade de referir, não são só os progenitores que originam o que acabámos de referir.

Às dificuldades e resistências dos progenitores, correspondem também dificuldades e resistências dos próprios adolescentes que, muitas vezes, evitam abordar estes temas por receio de críticas ou outro tipo de intrusões na sua intimidade.

Pensamos também que é necessário ser realista relativamente ao que se espera dos progenitores e no que se relaciona com a educação sexual dos filhos adolescentes.

Os contextos familiares são muito importantes na formação da identidade sexual na formação das atitudes e na formação dos traços estruturais

de personalidade que irão sendo investidos em todas as áreas do crescimento e das relações estabelecidas.

Mesmo nas famílias em que existe uma comunicação com mais intensidade e eficácia, há que pensar que as práticas parentais e a comunicação entre progenitores e adolescentes continuarão a ter essencialmente um carácter informal e que, muitos progenitores e adolescentes continuarão a ter dificuldades reais na comunicação sobre este tipo de questões. Dificuldades estas que são inerentes às características da adolescência e, noutros casos, às incapacidades ou insuficiências dos progenitores neste campo específico” (Vilar, 2003).

Assim, se é verdade que o contexto familiar é, pela sua natureza e pela sua presença quotidiana, um actor essencial no processo de socialização, ele muitas vezes não é, de facto, como às vezes se afirma, o primeiro nem muito menos o único agente de educação sexual. Delegar nas famílias a educação sexual das crianças e dos jovens é continuar a situação de ignorância absoluta sobre as questões da sexualidade e limitar este direito às famílias cultural e tecnicamente mais apetrechadas.

A educação sexual entre pares

Quanto aos pares – os amigos, os colegas, os parceiros amorosos –, estes constituem também um contexto essencial de crescimento e de interacção, sendo eles próprios o reflexo dos diversos contextos de educação sexual em que se situam.

No círculo de amigos, o jovem ou a jovem aprende com os outros, testa e desenvolve competências, cria vínculos e relações amorosas.

Integra as normas dos grupos e das gerações de pertença. Desenvolve os seus próprios valores e estilos de vida contrariando ou não o mundo dos adultos e as mensagens parentais.

Tal como a família, os pares e os parceiros operam mais o contexto das atitudes e são um campo de treino de competências sociais várias, incluindo as sexuais.

Mas sobretudo reproduzem os contextos sociais e comunicacionais em que se integram, com os seus mitos e crenças, misturadas por vezes com informações importantes e adequadas nesta matéria.

2. Que espaço para a intervenção profissional em educação sexual?

A escola, os valores e as atitudes face à sexualidade

Em termos da formação das atitudes, as famílias e os mass media são agentes muito mais poderosos do que a educação sexual escolar. À semelhança das famílias, nas nossas escolas vive-se, em geral, um ambiente liberal e descontraído em relação aos temas da sexualidade. Mas este ambiente tem menos a ver com os conteúdos de ensino e muito mais com o espaço de convívio que a escola constitui.

No entanto, se a escola e o sistema educativo assumirem a integração das questões relativas à sexualidade humana, transmitir-se-ão diversas mensagens importantes e positivas para as crianças, para os jovens e para outros agentes de socialização: em primeiro lugar, a ideia de que a sexualidade faz parte da vida e até da vida escolar, nomeadamente das preocupações educativas e não deve ser uma dimensão oculta-

da e obscura; em segundo lugar, a ideia de que a sexualidade em si é uma componente positiva da condição humana e que, como todas as outras esferas da condição humana, pode ser conhecida e abordada no contexto escolar (Zapiain, 2002).

Por outro lado, ainda no terreno dos valores e atitudes face à sexualidade, a escola pode ainda ter outro papel fundamental, sobretudo a partir da adolescência: o da promoção de espaços de debate entre as diversas posições morais que são típicas da modernidade (ao contrário do pensamento moral único típico de épocas anteriores) e que se manifestam não só em termos da opinião pública mas também entre os próprios jovens.

Existe pois uma dimensão simbólica e prática de cidadania na escola, reconhecedora da diversidade de posições morais em diversas matérias e promotora da capacidade de tolerância face a esta diversidade.

A escola e as competências sociais

Em termos de competências sociais, são provavelmente as relações familiares e entre pares e, no futuro, o próprio relacionamento amoroso e sexual, que são os espaços fundamentais na sua aquisição e desenvolvimento.

No entanto, a abordagem de temas sexuais na escola pode contribuir para o desenvolvimento de determinadas competências.

Um estudo recente de avaliação ex post facto de grupos de jovens que frequentaram ou não um programa de educação sexual em Portugal (Sousa, 2003), revela que uma das diferenças detectadas entre o grupo experimental e o grupo de comparação é um maior uso do preservativo

e do método duplo, os quais podem ser entendidos como indicadores de uma maior percepção e prevenção de situações de risco. Tais conclusões integram-se nas conclusões de numerosos estudos de avaliação de programas de educação realizados em diversos países e contextos culturais que mostram que a frequência de programas de educação sexual aumenta os comportamentos preventivos, nomeadamente o uso de contraceptivos nos jovens envolvidos em relações sexuais (Eggleston et Al, 2000; Kirby, d. 1999; Boyer et Al, 1997).

Outras competências que podem ser exercitadas são, por um lado, os mecanismos da tomada de decisão, a utilização dos recursos disponíveis e as capacidades de comunicar.

A escola e a literacia

Mas é sobretudo no domínio dos conhecimentos que a escola poderá cumprir um papel mais importante, quando comparada aos outros agentes de socialização que referimos.

Ao contrário dos media, a escola tende a promover uma aprendizagem de forma articulada e com um sentido lógico.

Por outro lado, a escola, por ser um espaço de ensino formal e de saberes interdisciplinares, é capaz de transmitir conhecimentos técnicos e científicos que, muitas vezes, as famílias não podem promover (pela sua natureza informal e pela deficiente preparação e dificuldades de comunicação de muitos progenitores) nem os mass media são capazes de transmitir de forma regular.

Lemos (2002) num estudo de impacto de um programa de educação sexual na cidade de Coimbra, revelou que as turmas que participa-



ram em programas de educação sexual tiveram efectivamente aumentos significativos nos conhecimentos quando comparados com turmas que não participaram nos referidos programas.

Também Almeida et Al (2003), referiram que as gerações mais jovens de mulheres, que são simultaneamente as mais escolarizadas, referem amiúde a escola como lugar de aquisição de conhecimentos sobre questões como os mecanismos reprodutivos e os métodos contraceptivos, contrastando com as gerações mais velhas que, nestas matérias, foram sendo sobretudo informadas pelas amigas e colegas de trabalho.

Ora as questões da literacia e da qualidade dos saberes são importantes, quer para a aquisição de uma cultura preventiva em matéria de riscos associados à sexualidade, quer como contributo para o auto e hetero conhecimento e para a qualidade da vida sexual.

Pensamos ser este, em síntese, o papel da educação sexual formal nos novos contextos de socialização típicos da modernidade: promoção de melhores conhecimentos e de maior literacia sobre as questões relacionadas com a sexualidade, promoção de competências ao nível da assertividade, comunicação e prevenção de situações de risco, e promoção do debate (e não endoutrinação moral) enquanto factor essencial de formação dos valores e atitudes.

Bibliografia

- ALMEIDA, A.N., VILAR, D., ANDRÈ, I.M. e LALANDA, P. et Al, (2003) Fecundidade e contracepção. Percursos de saúde reprodutiva das mulheres portuguesas, Lisboa, ICS, Junho 2004
- BOYER, C.B.; SHAFER, M.A.; TSCHANN (1997) "Evaluation of knowledge and cognitive-behavioral skills building intervention to prevent STDs and HIV infections in high school students" in *Adolescence*, Vol. 32, Nº 125, 25-42
- BOZON, M. (2002), *Sociologie de la sexualité*, s.l., Nathan/VUEF
- EGGLESTON, E.; JACKSON, J; ROUNTREE, W. PAN, Z (2000), "Evaluation of a sexuality education program for young adolescents in Jamaica" in *Revista Panamericana de Salud Pública*, Vol. 7 (2), 102-112
- TRANS, E. (2000), *Good lovers*, Ghent, CGSO Trefpunt Belgium
- KIRBY, D. (1999), "Reflections of two decades of research on teen sexual behavior and pregnancy" in *Journal of School Health*, Vol. 69, Nº 3, 89-94
- LE MOS, E. (2002), "O papel dos conhecimentos e atitudes sobre sexualidade como pré-requisitos para comportamentos saudáveis" in *Sexualidade & Planeamento Familiar*, nº 33, 43-49
- MIN.EDUCAÇÃO, MIN.SAÚDE, APF (2000) *Educação sexual em meio escolar – Linhas orientadoras*, Lisboa. ME
- MOREIRA, R.L., (2001), *O sexo que passa na TV*, Belo Horizonte, edição do autor
- REIS, Mª H. (2003), *A educação sexual nas escolas portuguesas: os professores como actores na sua implementação*, dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
- SIMON, W.(1996) *Postmodern Sexualities*, Londres e N. Iorque, Routledge

- SOUSA, A.P. (2003), Educação sexual como factor promotor do desenvolvimento psicosexual dos jovens, Braga, Dissertação de Mestrado do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho
- VAZ, J.M., VILAR, D. e CARDOSO, S. (1996) Educação Sexual na Escola, Lisboa, Universidade Aberta
- VILAR, D. (2003) Falar disso: a educação sexual nas famílias dos adolescentes, Porto, 2003
- VILAR, D.(1987) "Aprendizagem Sexual e Educação Sexual" in Sexologia em Portugal, Vol. II, Lisboa, Texto Editora
- VILAR, D.(1991) "As Encruzilhadas da Educação Sexual" in Planeamento Familiar Nº 47/48, Lisboa, APF
- WEEKS, J.(1989) Sex, Politics and Society, Nova Iorque, Longman
- WEEKS, J.(1995) Sexuality, Londres e N. Iorque, Routledge
- ZAPIAIN, J. (2000), Programa de educación afectivo-sexual, Vitoria-Gasteiz, Gobierno Basco



Heitor e Andrómaca (Giorgio De Chirico, 1917)

Escola Secundária de Jaime Moniz

Projecto Pares Um Projecto de Educação para a Sexualidade (2001-2005)

O Projecto Pares é o Projecto de Educação Sexual da Escola Secundária de Jaime Moniz na Região Autónoma da Madeira (RAM), coordenado pelas docentes Jesuína Pereira e Cecília Ferreira, professoras do grupo de Biologia.

Por estas Bandas

– Projectos em curso

A designação *Pares* está relacionada com as relações interpessoais desejáveis entre os jovens no seu grupo de pares, assim como com o trabalho cooperativo/colaborativo pretendido entre professores que constituam pares pedagógicos. Este projecto, que teve o seu início em Outubro do ano lectivo 2001/02, tem vindo a desenvolver actividades no âmbito da educação para a sexualidade com professores, auxiliares da acção educativa e alunos ao longo dos três últimos anos.

Nos dois primeiros anos desenvolveram-se actividades em sala com os alunos, fundamentalmente do 10º ano de escolaridade dos vários agrupamentos, tendo-se investido, também no último ano, no trabalho em equipa com um grupo multidisciplinar de docentes.

Percebemos a sexualidade intimamente relacionada com a saúde, entendendo-se esta como o bem-estar da pessoa como unidade psicossomática e da comunidade.

Deste modo, a educação sexual está estreitamente vinculada à qualidade de vida, enfatizando-se cada vez mais a necessidade de a integrar em processos de desenvolvimento pessoal e social, assim como de educação para a saúde. É também a mais importante forma de prevenção de problemas ligados à saúde sexual e reprodutiva dos jovens tais como a gravidez indesejada, o recurso ao aborto, o contágio de infecções sexualmente transmissíveis, entre elas a SIDA e a Hepatite B.

A nível nacional, a RAM figura em 11º lugar em número de casos de SIDA, sendo relativamente aos 18 distritos do país e às duas regiões autónomas, a região (cerca de 9%) a seguir aos Açores (cerca de 11%) com maior percentagem de adolescentes grávidas.

Um estudo realizado em 2000 que envolveu 456 jovens alunos entre os 15 e os 20 anos mostrou que 33% dos inquiridos já tinham tido relações sexuais, sendo maioritariamente rapazes (96 rapazes e 46 raparigas).

No contexto destes dados, consideramos como grande objectivo da educação sexual contribuir para uma vivência mais informada, gratificante, autónoma e responsável da sexualidade.

De uma forma transversal pretende-se o desenvolvimento de competências metacognitivas que permitam ao indivíduo aprender a aprender, a pensar sobre o pensamento e os sentimentos, e de relacionamento interpessoal, nomeadamente, a capacidade de reflectir sobre atitudes e valores, expressar os seus sentimentos e opiniões e aceitar os dos outros, decidindo, de forma autónoma, sobre o melhor comportamento em cada situação.

Em qualquer área do saber, é bem conhecido pela comunidade científico-pedagógica que partir do que os alunos já sabem, permite reconstruir o seu conhecimento, pela troca conceptual de novos conceitos, entretanto apreendidos.

É-o, assim também, na aprendizagem da sexualidade.

A identificação das necessidades tem sido o ponto de partida para qualquer actividade desenvolvida.

Sem perceber o que os indivíduos em formação necessitam, não se consegue manter os níveis de motivação, auto-suficiência e auto-competência desejados na prossecução de qualquer tarefa, seja ela do *saber ser*, do *saber saber* ou do *saber fazer*.



E referenciando Gomez Zapiain (2003: 33)⁽¹⁾ trabalhamos para que “terminado o ensino secundário, tanto eles como elas (os nossos jovens) disponham dos recursos necessários para gerir as suas necessidades afectivas e sexuais, de tal forma que o início das suas experiências seja satisfatório, responsável e sem riscos”.

Acreditamos que podemos intervir na qualidade das aprendizagens dos nossos jovens através de uma intervenção curricular eficaz dos nossos professores. Investindo a nível curricular temos vindo a intervir intencionalmente no desenvolvimento profissional de uma equipa de professores, pretendendo mudar a sua prática de ensino ao integrar no currículo dos alunos um conjunto de aprendizagens formais não antes conseguido.

É por isso um projecto pioneiro no trabalho de intervenção em meio escolar investindo na formação de professores em contexto de trabalho. No início do primeiro ano do projecto, começámos desde logo por fazer uma análise das necessidades de informação e formação nesta área, dos diferentes agentes intervenientes no processo educativo.

Deste modo, realizámos uma sensibilização aos directores de turma do 10º ano de escolaridade em conjunto com os técnicos do Centro de Saúde do Bom Jesus, onde foram tratados temas como as relações interpessoais, o desenvolvimento cognitivo e psico-sexual, entre outros.

Posteriormente, e em conjunto com as coordenadoras, foram planificadas e levadas a cabo um conjunto de seis a sete horas de formação por turma num total de 30 turmas, cerca de 750 alunos, e que integrou as diversas áreas de conteúdos – corpo em crescimento, as expressões da sexualidade, as relações interpessoais e a saúde sexual e reprodutiva – e objectivos ao nível dos conhecimentos, atitudes e competências.

O desenvolvimento deste projecto de formação com os alunos tornou-se possível graças à existência da 3ª hora de direcção de turma e ao envolvimento dos directores de turma.

Foi criado um centro de recursos com material bibliográfico e audiovisual actualizado que poderia ser utilizado no desenvolvimento das actividades em sala com os alunos.

Foram igualmente desenvolvidas, em parceria com o Centro de Saúde do Bom Jesus, acções de formação com os auxiliares da acção educativa na área das relações interpessoais, de forma a poderem partilhar experiências de relação gratificantes com os alunos e a reflectir também sobre alguns aspectos do desenvolvimento psico-sexual do adolescente.

Os pais e encarregados de educação foram também informados do projecto através do director de turma.

Além destas actividades dirigidas a um público específico da escola, outras foram direccionadas à comunidade escolar mais alargada, como a elaboração de placares sobre temas relacionados com a sexualidade, a realização de concursos literários e a promoção de eventos como a Feira da Saúde e o Dia da Escola Saudável.



(1) In GOMEZ ZAPIAIN, J. (2003). “A educação afectivo-sexual na escola”. In *Sexualidade & Planeamento Familiar*, n.º 36. Lisboa: Associação para o Planeamento Familiar, pp. 33-38.



Por estas Bandas

– Projectos em curso

Relativamente aos professores, para além do trabalho conjunto realizado aquando das sessões com os alunos na 3ª hora da direcção de turma, tem sido objecto de trabalho, em pares pedagógicos, a integração de conteúdos e objectivos de educação sexual nos programas de Português, Inglês, Filosofia, Educação Física e Biologia do 10º ano.

A integração das temáticas de sexualidade humana nos diversos programas pela equipa multidisciplinar tem sido apoiada aos níveis didáctico, metodológico e de simulação da prática, tendo-se formado pares pedagógicos que poderão orientar outros colegas na planificação de algumas aulas que integrem esta temática.

No anterior ano lectivo esta equipa multidisciplinar coordenou a formação dos docentes da sua respectiva área disciplinar e está a efectuar a sexualização dos *curricula* para o 11º ano de escolaridade.

Entretanto, no actual ano lectivo, surgiram alterações significativas na orgânica escolar que condicionaram o funcionamento do Projecto previsto para este ano lectivo, factos estes que nos levaram a proceder a alterações e/ou reajustamentos na dinâmica do mesmo.

O projecto desenvolvido no último triénio previa o desenvolvimento de duas linhas complementares: a actuação ao nível da 3ª hora de direcção de turma, com o recurso ao trabalho em sala com as coordenadoras do projecto e um trabalho interdisciplinar desenvolvido pelo colégio de professores, apoiado pelos pares pedagógicos de cada grupo disciplinar referido.

Com o desaparecimento, neste ano lectivo, da 3ª hora de direcção de turma, parte do que tínhamos proposto, em Julho passado, para a intervenção a este nível, tornou-se inviável, restando a intervenção ao nível interdisciplinar.

Partindo das necessidades dos nossos jovens e referenciando-nos ao enquadramento legal actual, realçamos a pertinência de se conseguir um compromisso de forma a que os nossos alunos, terminado o secundário, tenham desenvolvido conhecimentos sobre as transformações da adolescência e reflectido sobre situações que lhes permitam desenvolver um projecto de vida saudável, integrando uma vivência positiva da sexualidade.

Os autores são unânimes sobre a necessidade de programas longos de forma a, não só permitir aos jovens a apreensão de conhecimentos e a mudança de atitudes, mas também o desenvolvimento de competências de acção no sentido de mudar comportamentos potencialmente de risco. Estando em vias de implementação a intervenção interdisciplinar localizada nas disciplinas já referidas, não quisemos deixar de garantir algumas horas de formação nesta área aos nossos jovens durante a sua escolaridade.

Por isso, foi necessário investir num registo complementar ao da intervenção interdisciplinar. Em cada Conselho de Turma, três disciplinas cederam um tempo lectivo (de noventa minutos) anual de forma a que os discentes pudessem ter acesso às sessões referidas.

As coordenadoras têm desenvolvido sessões de informação e formação em sala com os alunos contemplando a abordagem de temas, das áreas de *expressões da sexualidade* e *saúde sexual*, sendo a *saúde reprodutiva* abordada por técnicos do Centro de Saúde do Bom Jesus,

no âmbito do protocolo estabelecido com esta instituição.

Neste ano lectivo, todas as turmas do 10º ano, num total de cerca de 750 alunos, para além da intervenção interdisciplinar localizada, terão uma formação mínima obrigatória nesta área.

É de realçar a importância da elaboração de unidades didácticas como produto final da oficina de trabalho com a equipa multidisciplinar.

A *sexualização dos currícula* ao nível das disciplinas da formação geral do currículo do ensino secundário dos 10º e 11º anos foi assumida como uma das actividades imprescindíveis na mudança de prática do professor.

Relativamente à avaliação do projecto, e quando falamos em avaliação referimo-nos não só à averiguação da consecução dos objectivos propostos – avaliação do produto, como também à aferição do próprio processo: pontos fortes, pontos menos fortes, insucessos, dificuldades sentidas, sugestões, etc.

Assim, a avaliação, de carácter formativo, tem vindo a ser fundamentalmente qualitativa, pretendendo-se um *feed-back* permanente entre todos os intervenientes.

Relativamente à avaliação do trabalho desempenhado, foram elaborados inquéritos de forma a facilitar a avaliação do projecto por alunos e professores.

Os inquéritos, aplicados a todos os intervenientes desde o início do projecto, visam sobretudo aferir a qualidade do trabalho desenvolvido, de forma a podermos reflectir sobre as dinâmicas e estratégias de trabalho e a construir novas ferramentas de trabalho, sempre numa perspectiva formativa.

Os resultados publicitados no espaço escolar informaram a comunidade educativa da evolu-

ção do projecto.

Ao longo destes quatro anos foram feitas algumas alterações ao projecto inicial no sentido de se responder de uma forma mais eficiente às necessidades de formação de docentes e discentes.

A interdisciplinaridade conseguida a um nível ainda incipiente pretende ver-se conseguida a um nível mais alargado, com um maior envolvimento do colégio de professores.

Podemos, a título exemplificativo, mencionar alguns aspectos dos resultados obtidos nos inquéritos realizados pelos alunos.

É de realçar que relativamente à questão – *O que aprendeste poderá contribuir para tua saúde e bem-estar?* – a totalidade da amostra (50 alunos escolhidos aleatoriamente numa amostra de 300 alunos participantes no Projecto, 25 alunos do sexo feminino e 25 alunos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, aproximadamente) respondeu preponderantemente com o nível 4 em 4 níveis correspondendo aquele à categoria de Muito, o que nos leva a concluir que as sessões corresponderam às expectativas dos alunos e que a informação / formação adquirida é-lhes relevante.

É de relevar que foram fundamentalmente os rapazes que criticaram o local e o tempo de formação atribuído à exploração dos temas.

Relativamente à segunda parte do questionário, em que lhes era pedido que respondessem com as siglas V e F consoante atribuíssem às questões pedidas as respostas de Verdadeiro e Falso, respectivamente, pode-se referir que do universo considerado, a grande maioria dos alunos respondeu correctamente às 30 questões solicitadas.

Por estas Bandas

– Projectos em curso

Para uma melhor aferição dos resultados separamos por género as respostas dadas pelos discentes às questões por nós formuladas. Assim, constatou-se que não existiu grande disparidade nas respostas dadas pelos alunos atendendo a esta categoria considerada, mostrando todavia um melhor desempenho por parte do sexo feminino. Podemos, entretanto, mencionar algumas lacunas na informação / formação recebida pelos discentes.

Relativamente às questões:

- *a sexualidade começa na adolescência,*
- *a pílula é o contraceptivo mais eficaz,*
- *os métodos contraceptivos naturais são os aconselhados para os adolescentes,*

os alunos apresentaram respostas incorrectas. Isto poderá ser interpretado pela dificuldade que os alunos têm em abandonar algumas concepções alternativas mal estruturadas do seu saber em alternativa à construção de um conhecimento científico de cariz significativo.

As respostas às questões:

- *as relações sexuais são obrigatórias para uma vivência plena da sexualidade,*
- *a sexualidade influencia os nossos pensamentos e as nossas acções,*

apresentaram um melhor desempenho no sexo feminino.

É difícil reconstruir conceitos sobre estereótipos: o conceito de genitalidade com um significado idêntico ao de sexualidade está bastante arraigado na nossa cultura, daí que seja difícil, em pouco tempo de formação, reconceptualizar o que se pretende.

Talvez seja compreensivo o sexo feminino apresentar aqui um melhor desempenho, traduzindo um conceito mais largo de sexualidade.

Também as raparigas parecem ser mais assertivas, ao responderem correctamente, e em maior número, às questões:

- *Devo fazer tudo quanto o/a meu/minha namorado/a me pede;*
- *O meu (minha) companheiro(a) não quer usar preservativo e não devo ter relações sexuais com ele(a);*
- *Tenho de experimentar para ter opinião.*

Mais uma vez constatamos que o mais difícil ao nível da aprendizagem é, realmente, o desenvolvimento de competências e de atitudes.

Todavia, entre 68% e 92% dos alunos do sexo masculino dão resposta correcta a cerca de 21 em 30 questões. E entre 84% e 96% do sexo feminino, dão resposta correcta a cerca de 26 em 30 questões.

Por tudo isto, a necessidade de integração da educação sexual nos currículos escolares é hoje tida como consensual e numerosas organizações portuguesas e internacionais ligadas à saúde, educação, juventude e família têm tomado posições neste sentido. Há que tornar eficiente o sistema de ensino português implementando de forma sistemática a educação sexual nas nossas escolas.

Félix López Sánchez

*Professor Catedrático em Psicologia da Sexualidade
Universidade de Salamanca*

Educação Sexual em Espanha

Antecedentes

Na primeira metade do séc. XX existiu em Espanha um movimento sexológico que chegou a ter grande influência social: foi criada a chamada “Liga para a Reforma Sexual sobre Bases Científicas”, publicada uma revista, *Sexus*, e chegaram a acontecer congressos nacionais de grande relevo, inclusivamente um deles inaugurado pelo Presidente da República.

Durante o período da República, foram editadas várias publicações sobre educação sexual e realizadas diversas experiências de educação sexual em contexto escolar.

Tudo isto foi arrasado e proibido durante o período do “Nacional-Catolicismo” do General Franco.

A ditadura fez sua a doutrina da Igreja Católica mais tradicional, reprimindo toda a manifestação sexual, perseguindo a homossexualidade e levando a cabo uma educação muito sexista.

Para além disso, foram expulsos ou assassinados muitos professores com o argumento de serem supostamente de esquerda.

Nos últimos anos da ditadura, debilitado o seu poder, os movimentos de renovação pedagógica tiveram oportunidade de realizar nas escolas várias experiências de educação sexual, sem intervenção do governo, caso não se gerasse qualquer tipo de polémica ou fosse feita denúncia.

Anos de transição política: 1975-1982

Nos anos de transição política foram feitas por parte de movimentos de renovação pedagógica numerosas experiências de educação sexual nas escolas, aparecendo simultaneamente os primeiros centros de formação sobre educação sexual, nomeadamente no Instituto Privado de Ciências da Sexologia (INCISEX), em Madrid, e na Faculdade de Psicologia de Salamanca.

Nalguns casos, as experiências foram apoiadas pelos municípios, como é o caso de Barcelona, que disponibilizou pessoas para desenvolver estas actividades.

O Governo (então de Centro), presidido por Adolfo Suárez, simplesmente deixava que estas acções acontecessem, sem qualquer tipo de intervenção.

Assim, foram realizadas numerosas experiências de formação de educadores e de educação sexual na escola, sempre “fora do currículo”, normalmente após as aulas ou em períodos especiais (aulas de apoio ou em períodos cedidos por outros professores).

Trata-se de um momento de grande entusiasmo que impregna toda a sociedade e também a escola.

Muitos professores receberam formação por sua conta, fora do horário de trabalho.

Também algumas associações de pais apoiaram a educação sexual nas escolas.

Na última parte deste período, o Ministério da Educação, relevando abertura de mentalidade, elaborou um documento de trabalho que não chegou a ser publicado, sobre educação sexual em contexto escolar aberto, que pretendia traçar objectivos e indicar conteúdos.

Foram tempos de ilusão e experiências sem apoio, mas também de ausência de obstáculos por parte da administração ou do governo.

A Educação Sexual

– Por outras bandas

Os Governos Socialistas: 1982-1994

Durante estes governos, na segunda parte da legislatura, foi levada a cabo uma reforma geral da educação – LOGSE⁽¹⁾ – na qual, resumidamente:

- A educação sexual, enquanto conteúdo da educação, tornou-se obrigatória, juntamente com a educação para a saúde, educação em valores, educação não sexista, etc.
- São estruturados alguns objectivos e conteúdos de educação sexual em diferentes áreas, especialmente na área das ciências naturais no que respeita ao ensino secundário. Estes conteúdos são, contudo, muito pobres e parciais.
- Defende-se que os conteúdos formativos sobre sexualidade, saúde, valores, etc., devem ser dados transversalmente (com a colaboração de todos os professores e de todas as áreas) ao longo de todas as etapas e ciclos educativos.
(A responsabilidade da educação sexual é, assim, de todos e de ninguém).
- Estas propostas são elaboradas no âmbito de um currículo aberto, com diferentes níveis:
 - a) 1º nível (Nacional)**
Do qual partem as propostas muito genéricas acima descritas, que passam a constituir o currículo obrigatório para todo o país.
 - b) 2º nível (Comunidades Autónomas)**
Encerram o currículo considerado obrigatório, acrescentando os conteúdos que consideram mais adequados nas diferentes áreas.

(1) LOGSE – Lei orgânica de ordenamento geral do sistema educativo, 1990.

No geral, concentraram os seus esforços no ensino da língua específica (nos casos em que existia: País Basco, Catalunha e Galiza, sobretudo, mas não só) ou de elementos específicos da geografia ou da história de cada região (normalmente, com uma visão muito regionalista). Esqueceram-se, no entanto, de incluir conteúdos referentes à saúde, aos valores e à educação sexual.

Existiram excepções, entre as quais se destaca o caso das Canárias, no qual foram dispensados das suas obrigações docentes habituais até seis professores para darem formação aos educadores, elaborarem documentos em educação sexual e desenvolverem diferentes experiências nas escolas. Durante cerca de quinze anos este grupo, organizado no movimento de renovação pedagógica chamado HARIMAGUADA, publicou extraordinários materiais de educação sexual, formou centenas de professores e levou a cabo, com a implicação de todos os agentes educativos, numerosas experiências de educação sexual em todas as ilhas. Sem comparação possível, foi o movimento de renovação pedagógica mais importante em Espanha.

Nas restantes regiões, ou não foi feito nada por parte da administração ou as experiências realizadas foram muito pontuais e parciais.

c) 3º nível (Centro Educativo)

Cada Centro Educativo pode acrescentar ao currículo obrigatório proposto pelos governos central e regional determinados conteúdos. Podem seleccionar, dentro de limites imprecisos, os objectivos, conteúdos e metodologia, assim como atribuir tempos e designar educadores, parcialmente dispensados de outras obrigações docentes, responsáveis por estas matérias.

Na prática, os Centros Educativos têm uma margem de liberdade bastante grande para estabelecer prioridades e incluir determinados conteúdos educativos, por exemplo de educação sexual, adquirir alguns materiais, etc.

A decisão cabe ao Conselho Escolar, órgão de gestão no qual se incluem os funcionários do Centro e elementos representantes dos professores e dos pais. É o denominado Projecto de Centro, que deverá ser aprovado pela Inspeção Escolar, em geral muito permissiva.

Alguns Centros aproveitaram bem esta oportunidade, enfatizando ou dando destaque à educação sexual, mas foram excepções.

d) 4º nível (*O projecto curricular*) objectivos e conteúdos elaborados pelos professores para levar a cabo a docência. Apesar dos projectos curriculares terem que ser aprovados pelo Conselho de Centro e pela Inspeção Escolar, na prática existe muita facilidade.

Por isso, ainda que os restantes níveis educativos possam não funcionar bem, os professores, com vontade de fazê-lo, têm uma ampla margem de liberdade para introduzir determinados conteúdos, nos quais se incluem os de educação sexual.

d) 5º nível

Nos seus planos de actividade docente, cada professor tem liberdade, para além de dar o currículo obrigatório, de introduzir outros conteúdos transversais.

Para entender esta rede, é importante ter em conta que na lei do sistema educativo, actualmente ainda vigente, se opta pelo chamado currículo aberto, o que quer dizer que após a estruturação por parte do governo central, das comunidades autónomas e dos Centros, dos conteúdos obrigatórios, os professores e cada profes-

sor em concreto desenvolvem o currículo da forma que acharem mais conveniente.

Os governos do Partido Popular: 1994-2004

Nos últimos anos dos governos socialistas e nos governos do Partido Popular não se registaram mudanças legislativas importantes que afectassem a educação sexual (na realidade, a LOGSE é a lei de referência), apesar da maior parte das receitas referentes ao sistema educativo terem sido transferidas para as regiões. Assim, na actualidade, ainda que o governo central conserve competências sobre o currículo obrigatório, os recursos económicos e a gestão real do sistema educativo está a cargo das comunidades autónomas. As diferentes autonomias têm muito mais capacidade do que o governo central para apoiar ou não a educação sexual.

A maior parte manteve um apoio retórico à educação sexual, não incluindo de forma sólida os seus conteúdos no currículo, não formando professores e não criando condições para que houvesse, de facto, educação sexual nas escolas.

Situação actual

Mantém-se a educação sexual como uma matéria transversal, com a obrigação teórica de incluir os seus conteúdos no currículo mas, na maior parte dos casos, esses conteúdos não são dados ou são-no fora do currículo.

O mais comum é que não haja educação sexual na escola ou que esta seja dada por especialistas, fora do horário escolar ou ocupando horas que seriam de apoio ou acompanhamento aos alunos.

A Educação Sexual

– Por outras bandas

A educação sexual é obrigação de todos; mas na prática não se faz ou é feita por voluntários ou profissionais externos aos Centros em horário extra-escolar.

Obrigação de todos, trabalho de ninguém.

Por outro lado, é incrível que os governos tenham feito esta proposta transversal sem se preocuparem com a formação dos educadores, aspecto que, como é lógico, deveria ser central. Os educadores não foram formados pela administração, mas sim de forma privada e fora do seu horário de trabalho.

Um exemplo paradigmático acontece em Salamanca onde o IME (Instituto Municipal de Educação) com a nossa colaboração (da Universidade) oferece aos Centros Educativos que o solicitem um curso de educação sexual de sete horas, dado por especialistas e em horário não lectivo. Anualmente, são dados entre cinquenta e oitenta programas.

Mas esta actividade não chega às aldeias nem a outras cidades dentro da comunidade autónoma.

Algo similar é feito pelos municípios de diversas cidades.

A realidade é que o sistema educativo espanhol legitima e obriga a que haja educação sexual, mas não garante que esta seja um facto, pelo que a situação pode ser considerada caótica e muito desigual.

As últimas notícias não são animadoras; apesar de parecer que nalgumas autonomias se vai levar a educação sexual mais a sério, noutras, como é o caso das Canárias, o rumo é o contrário e o Programa Harimaguada deixou de ser apoiado.

Que irá passar-se com o actual governo?

Não sabemos; mas de momento parece que a confusão continua.

É sobejamente conhecida a nossa postura, defendida desde sempre de forma pública e por escrito: é necessário criar um espaço concreto, com horários e conteúdos concretos, globalizando as matérias de educação sexual no contexto mais amplo da educação para a saúde ou da promoção do bem-estar pessoal e social e formando alguns professores que dediquem parte do seu tempo a esta actividade.

Desta forma, poderá fazer-se educação sexual sistemática, sequenciada e profissional, que possa contar com o apoio de todo o sistema educativo. Assim continuamos a propor na nossa obra mais recente que, em breve, será publicada.

(LOPEZ, F. (2005) – Educación Sexual. Madrid: Biblioteca Nueva).

Ana Jorge Santos

Andrea Diegues

Isabel Leal

Alunas da ESE de Setúbal no 3º ano
da Licenciatura em Ensino Básico – 1º Ciclo

Actividade “Nós fomos assim...”

A educação, toda a educação é sexual. E quando se fala de educação sexual já há qualquer coisa de perverso. Isto é: há a separação de qualquer coisa que deveria estar implícito em todo o conhecimento humano e não numa disciplina, numa espécie de separação (...). É preciso que os professores e os educadores estejam preparados para encarar a “sexualidade” como algo integrado e não à parte da vida.

João dos Santos, 1991

A actividade que aqui descrevemos focaliza-se na aquisição de conhecimentos básicos acerca da reprodução humana na promoção do reconhecimento desta como resultado de uma decisão livre e responsável, aliada à ideia da sexualidade como forma de comunicação, de expressão de afectos e de prazer, entre outras.



Destinatários

Crianças do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico



Duração

1ª Etapa: 1h (15 m para leitura da obra + 45 m para reflexão e explicação do guião de entrevista).

2ª Etapa: Tempo indefinido



Objectivos gerais e competências a desenvolver

Com esta actividade, esperamos que as alunas e os alunos reconheçam as várias etapas da reprodução humana, compreendendo a fecundação, a gravidez e o parto.

Como princípio orientador e estratégia, tomam-se como ponto de partida as suas curiosidades, dúvidas e concepções prévias, de modo a que, naturalmente, surja a necessidade de aprofundar questões e situações que reconheçam como significativas.

Sendo um tema que, em geral, desencadeia curiosidade e construções próprias da infância e, simultaneamente, tem um carácter curricular e programático, esta estratégia pode ser encarada como transversal às várias áreas curriculares, como a Língua Portuguesa, Estudo do Meio e a Expressão Plástica.

A

Actividade nós fomos assim...

Esta actividade divide-se em duas etapas diferentes: a primeira apoia-se na leitura e análise da obra de literatura infantil “A mamã pôs um ovo!” (1), e a segunda surge a partir da recolha de informações que as crianças fazem junto da família.

Desta forma reforça-se igualmente a relação escola-família, que para alguns investigadores (Davies et al., 1989; Epstein, 1992) proporciona uma aprendizagem mais significativa dada a existência de um envolvimento de cooperação entre pais e professores.

Estas parcerias acabam, de uma maneira geral, por trazer vantagens no domínio relacional na medida em que o acto educativo se pode realizar num clima mais aberto, mais caloroso, mais participado, mais confiante.

1ª

Etapa

A partir da obra infantil referida, pretende-se que as crianças sejam capazes de identificar os aspectos essenciais da reprodução humana – concepção, gravidez e parto – e se consigam identificar como sendo elas próprias resultado desse processo.

(1) Cole, Babette – *A mamã pôs um ovo!* Lisboa: Terramar, 1997 – 53 p.

Depois de uma leitura em grande grupo, procede-se a uma “tempestade de ideias” de forma a esclarecer dúvidas acerca do que foi lido, a fomentar uma reflexão sobre o assunto e a sistematizar alguns conteúdos e terminologias técnicas.

Nesta obra, a reprodução humana é descrita de forma simples e divertida, pois a história relata um momento familiar em que os pais decidem explicar aos filhos “como é que se faz um bebé”.

No início, os filhos, pouco entusiasmados, ouvem a versão dos pais sobre os factos relacionados com todo o processo reprodutivo.

Estes, por seu lado, fazem-no com bastante imaginação (bebés entregues por dinossauros, feitos de biscoitos de gengibre, criados com sementes, espremidos para fora de tubos e ainda bebés vindos de ovos).

É então que, para espanto dos pais, os filhos decidem revelar o que já sabem sobre o assunto, começando por dizer-lhes que só estiveram perto da realidade quando mencionaram palavras como: sementes, tubos e ovos.

Assim, através de desenhos, os filhos expõem aos seus progenitores a sua versão da reprodução humana, o que, pela inversão dos papéis habituais, gera uma situação potencialmente cómica.

Em seguida, é distribuído um guião de entrevista – “Pergunto ao Pai ou à Mãe” – para aplicar em casa e explica-se o seu funcionamento. As perguntas poderão ser, a título de exemplo, *Como nasci?; Onde nasci?; Quanto media e pesava?; O que sentiram quando me viram?; Etc..*

Como enriquecimento desse trabalho, solicita-se às crianças que reúnam referências biográficas

e materiais (fotografias da mãe enquanto grávida ou das próprias crianças aquando bebês, vestuário e objectos usados nos primeiros meses de vida, entre outros) que ilustrem, de modo representativo, o processo inerente ao seu nascimento e desenvolvimento nas primeiras fases da infância. Este conjunto de materiais servirá de base à construção de um “Álbum de Recordações”, através do qual se procura evidenciar a evolução de cada uma das crianças e o que é comum no seu conjunto.

2^a

Etapa

Cada criança apresenta os materiais recolhidos junto da família e comenta o seu significado, caso considere necessário ou se sinta à-vontade para o fazer.

Neste momento de partilha é importante que todos sintam o seu nascimento como algo único e que o compreendam como um acontecimento comum a todos os seres humanos. A aceitação das devidas diferenças (parto normal ou não; quanto tempo estiveram na barriga da mãe; quem cuidou deles) deverá também ser objecto de atenção.

As crianças descobrir-se-ão como seres únicos e verificarão a sua evolução com a idade, por comparação com as fotografias e/ou roupas que, muito provavelmente, trarão.

Com base nas respostas da entrevista (“Pergunto ao pai e à mãe”) que deverá ser realizada junto dos familiares próximos da criança, as alunas e alunos elaborarão um texto individual que será ilustrado com a sua fotografia ou auto-retrato.

Com este material produzido pela turma cons-

trói-se colectivamente o “Álbum de Recordações” – Nós fomos assim...

Bibliografia Activa

COLE, Babette. A mamã pôs um ovo! Lisboa: Terramar, 1997, 53 p.

Bibliografia Passiva

Carvalho, L.R. (et al.)

Estratégias de envolvimento parental In A parceria entre Escola, a Família e a Comunidade.

Lisboa: Ministério da Educação, 2000, p. 7 – 53.

Espanha

Programa Harimaguada Educación afectivo-sexual en la etapa primaria.

Canárias: Gobierno, Consejería de Educación, Cultura y Deportes, Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa, 1993, 257 p. (Carpeta didáctica de educación afectivo-sexual).

Departamento da Educação Básica

Currículo Nacional do Ensino Básico: competências essenciais.

Lisboa: Departamento da Educação Básica, 2001, 240 p.

Departamento da Educação Básica

Organização curricular e programas: ensino básico 1º ciclo, 2ª ed.

Lisboa: Departamento da Educação Básica, 1998, 254 p.

Educação Sexual em Meio Escolar:

linhas orientadoras.

Lisboa: Ministério da Educação; Ministério da Saúde, 2000, 126 p.

Actividade “Completa a frase”

Designação da actividade:

“Completa a frase”

Destinatários:

Alunos do Ensino Secundário

Duração prevista:

Uma aula de 45’ (meia turma de cada vez)

Competências a desenvolver:

No final cada aluno deverá ser capaz de:

- manifestar a sua opinião, ouvir e respeitar a dos outros;
- argumentar e contra-argumentar;
- actuar face a comportamentos de risco;
- agir face a pessoas com situações “específicas” (...com SIDA, homossexuais, ...)

Descrição da actividade:

Explica-se aos alunos que actividade consiste em completar uma frase com a primeira ideia que vier à cabeça e depois de uma forma reflectida, ou seja, completar a frase duas vezes. Seguidamente, um aluno lê as suas frases e estas são debatidas. Prossegue-se com a leitura e debate das frases até percorrer todos os alunos. Em alternativa, poderá pedir-se simplesmente uma frase, sem referir que é a primeira ideia ou que é uma frase reflectida. Poderá haver vantagem, ao proceder deste modo, pelo facto de simplificar a actividade e excluir do debate as frases impulsivas que os próprios alunos, ao pensarem, decidem eliminar. Por outro lado, ao serem pedidas as duas frases poderá haver vantagem de, no debate, surgirem frases com conteúdos opostos, oriundas de um mesmo aluno (o que poderá enriquecer o debate) e, ainda, de

diminuir o risco de apenas surgirem frases “politicamente correctas” por forma a serem socialmente aceites mas que, eventualmente, não traduzam os verdadeiros sentimentos dos seus autores.

Depois do procedimento estar entendido pelos alunos e de todos terem papel e caneta, coloca-se no retroprojector uma transparência com a frase

- **“Disseram-me que o meu/minha colega de carteira...”,**
Espera-se que todos leiam e completa-se
“...tem SIDA, e eu...”

Dão-se alguns minutos (não mais de cinco) para que sejam escritas todas as frases e procede-se à leitura e debate das mesmas.

Esta actividade poderá ser realizada com outras frases, dependendo das situações que se pretenda abordar, como por exemplo:

- **“A minha melhor amiga disse-me que pensa...”, “...estar grávida, e eu...”**
- **“Disseram-me que o/a meu/minha melhor colega de grupo...”, “...é homossexual e eu...”**
- **“O meu melhor amigo/a minha melhor amiga disse-me que está apaixonado/a...”, “...por uma pessoa dez anos mais velha, e eu...”**

Fonte: Trabalho apresentado no âmbito da Acção de Formação sobre Educação Sexual que decorreu na Escola Secundária Ferreira Dias, em Janeiro de 2002.



Lorena Berdún
Porto: Areal Editores
Novembro 2002

Na Tua Casa ou na Minha

Tudo o que os jovens querem saber para uma sexualidade sem dúvidas

Ronny: Só estamos aqui tu...e eu.

Loretta: Quero ir para casa.

Ronny: Não.

Loretta: Estou a morrer de frio.

Ronny: Vamos para casa.

Não me importa o que possa acontecer.

Não, não é isso que quero dizer: Loretta, eu amo-te, o amor não é como nos foi contado.

Eu também não sabia.

O amor não faz com que tudo seja belo. Deita tudo a perder.

Parte o coração, complica as coisas. Não podemos fazer tudo perfeito, os flocos de neve são perfeitos, as estrelas são perfeitas.

Nós não, estamos aqui para nos perdermos, para partir o coração, para amar as pessoas que se enganam e para morrer.

Os livros de história são mentira!

E agora...

Queres subir comigo e meter-te na minha cama?! (O Feitiço da Lua)

Não sei se concordam comigo, mas eu acho este texto delicioso! Faz-nos lembrar imediatamente um diálogo entre dois adolescentes, indecisos e receosos quanto à sua primeira vez... quanto ao amor! Na realidade trata-se de uma história entre dois adultos, Nicholas Cage e Cher, com um discurso a princípio pouco coerente, depois... já muito mais assertivo. Mas, acima de tudo, espontâneo, sincero, apaixonado e convincente.

Assim é a obra original da qual faz parte este pequeno excerto. "Na Tua Casa ou na Minha" é um livro que nos prende logo na primeira página, porque é leve, irreverente. Sempre com uma pontinha de humor na forma como vai prefaciando os conteúdos, isso não impede que estes sejam devidamente tratados. São, do ponto de vista científico, explicados com muita clareza, sem se tornarem demasiado técnicos, mas levando as questões sempre até ao fim. Além da explicação científica, base de cada capítulo, aparecem também questões formuladas por jovens que ajudam a contextualizar os conteúdos. Ainda fazem parte de cada capítulo algumas curiosidades (científicas/históricas), notícias e dados estatísticos.

Como se pode constatar, são múltiplas as abordagens que vão sendo feitas aos assuntos, assim como são, naturalmente, as possibilidades de o podermos fazer quando falamos de sexualidade. Essa pluralidade no tratamento dos conteúdos torna o livro não só apetecível e divertido para os jovens, mas também igualmente interessante e útil para os adultos, que podem encontrar nas curiosidades (tão bem adequadas) e no restante desenvolvimento dos conteúdos, razões e motivos para aprender mais e compreender melhor a sexualidade.

A organização dos capítulos ("Falando de sexualidade", "Como são os nossos corpos", "A menstruação", "A masturbação feminina e masculina", "A primeira vez", "Métodos anticoncepcionais", "Sentir o orgasmo", "Visita ao ginecologista", "Ter prazer nas relações sexuais", "Sexualidade e gravidez", "O aborto", "Para onde vai o desejo?", "A homossexualidade é assim tão diferente?", "DST's", "Sida", "Sexualidade não coital: oral e anal", "A educação sexual", "Agressões sexuais", "A sexualidade nos idosos", "Disfunções sexuais", "As drogas e a sexualidade", "Quando não se consegue ter filhos" e "Comportamentos desviantes"), percorrendo todas as áreas temáticas fundamentais para se fazer uma Educação Sexual eficaz e com sentido, irá certamente ajudar a entender a sexualidade como uma vertente enriquecedora da nossa condição humana.

Sobre a autora:

Lorena Berdún nasceu em Madrid em 1973 e licenciou-se em Psicologia pela Universidade Autónoma dessa cidade.

Trabalhou como voluntária ao longo do curso em Centros de Atendimento Jovem, na área da sexualidade.

Fez simultaneamente palestras em escolas secundárias e colaborou com os meios de comunicação social.

Foi graças a essas intervenções, como excelente comunicadora, que foi convidada para realizar um programa inovador e com fins educativos, no campo da Educação Sexual.

"En tu casa o en la mia" era, ainda em 2000, um dos principais êxitos da estação de rádio "Los 40 Principales".

Maria Eugénia Lemos

Professora do Ensino Secundário

Voluntária da APF



Educação Sexual Contextos de sexualidade e adolescência

Maria Manuela Pereira e Filomena Freitas

Colecção Guias práticos

Porto: Edições ASA

2001

Não é uma novidade editorial, mas é uma obra que vale a pena ter, ler e usar.

Começamos pelo formato. Tal como outras obras desta colecção, poderia dizer-se, afinal, são dois livros. Ou seja, como se lê numa das capas, é disponibilizada a 'teoria' sobre o tema num dos lados e, no outro (quando invertemos o livro) 'a prática'. Cada uma das partes tem um valor próprio, mas complementam-se perfeitamente.

Em menos de 70 páginas teóricas seria difícil explorar e discutir toda a complexidade do ciclo de vida compreendido entre os 12 e os 16 anos (as idades focalizadas pelas autoras), da mesma forma que seria uma tarefa árdua trazer dados novos, abrangentes e aprofundados.

...

... (continuação)

No entanto, o essencial está presente, cobrindo, diríamos, os conteúdos das várias vertentes de uma educação sexual que se deseja multifacetada: o corpo, os contextos e os agentes da socialização, os comportamentos sexuais, os sentimentos e as emoções.

Para além destes grandes temas, não são esquecidos os conteúdos relativos à prevenção das IST, à contracepção e, o que é menos vulgar em obras similares, à violência sexual.

Para desenvolver na 'prática' cada um destes grandes temas, as autoras foram muito criativas na procura de estratégias pedagógicas e de animação. Ao proporem o uso de excertos de livros, poemas, letras de canções e filmes, como recursos para as actividades, difundem uma forma activa, envolvente e lúdica de concretizar a educação sexual nestas idades.

Recusam, assim, a passividade dos alunos – espectadores – ouvintes, valorizando as suas vivências e fomentando a expressão e o debate de ideias.

Para além de um glossário, sempre útil, a bibliografia, a lista de organizações e de sítios da Internet, com que terminam esta parte prática da obra, são também uma mais-valia do livro.

As formações académicas das autoras e as suas experiências profissionais – uma é professora, a outra médica – terão permitido esta forma holística de pensar e descrever uma grande parte da adolescência e, ao mesmo tempo, de propor temas e estratégias pedagógicas pertinentes, justificados e originais.

António Manuel Marques

Sociólogo

Voluntário da APF

Notícias

Cursos PRODEP 2005

Desenvolvidas pelas Delegações Regionais da APF do Alentejo, Algarve, Centro, Lisboa e Norte e à semelhança do já sucedido em anos anteriores, continuam a decorrer as acções de formação em educação sexual dirigidas a professores e co-financiadas pelo PRODEP.

Em www.apf.pt pode ser encontrada informação mais detalhada sobre estas acções de formação.

Intercâmbios Regionais de Experiências em Educação Sexual Escolar

Paralelamente às acções de formação e a outras iniciativas que as Delegações Regionais da APF vão desenvolvendo regularmente no âmbito da promoção da educação sexual nas escolas, a realização dos encontros de intercâmbio de educação sexual tem-se mantido uma constante e durante o corrente ano foram já realizados os das DR's Centro (4 de Março), Algarve (12 e 13 de Abril), Lisboa (17 de Maio) e Alentejo (23 de Maio).

Estes encontros, que conhecem uma periodicidade anual em cada uma das 5 regiões do continente de actuação das Delegações da APF, destinam-se a partilhar experiências e a apresentar projectos em curso, incentivando e dando visibilidade às actividades que professores, alunos e escolas vão realizando no âmbito da educação sexual.

A APF Madeira organizou as suas 1^{as} Jornadas

A mais jovem Delegação da APF, da Região Autónoma da Madeira, realizou, entre os dias 19 e 21 de Maio, as suas primeiras Jornadas. Com o tema "Diferentes Olhares Sobre a Sexualidade", os três dias de trabalhos centraram-se na exposição e debate de temáticas muito



diversas, destacando-se do respectivo Programa:

- Contraceção, novos métodos contraceptivos e contraceção no séc.XXI
- Os jovens e a sexualidade, riscos e IST's/Sida, gravidez e maternidade na adolescência e contraceção de emergência
- Educação sexual e sociedade, os valores, o género e educação sexual
- A escola e a educação sexual – apresentação de projectos de intervenção em meio escolar
- Projectos em saúde sexual e reprodutiva – apresentação de projectos desenvolvidos por centros de saúde madeirenses
- Políticas de intervenção em saúde sexual e reprodutiva

No dia 20 de Maio e aproveitando a realização das suas 1^{as} Jornadas, a APF Madeira inaugurou oficialmente as instalações da sua Sede.

Manifesto de Apoio à Educação Sexual e à APF

Uma notícia sobre manuais escolares publicada na edição do semanário Expresso de 14 de Maio, manuais esses que serviriam de suporte a um pretenso programa de educação sexual que estaria a ser implementado nas escolas portuguesas em parceria com a Associação para o Planeamento da Família, esteve na origem de uma campanha alarmista e mentirosa contra a educação sexual e contra a APF.

A forma como as actividades referidas na notícia do Expresso foram apresentadas, a descontextualização das imagens, jogos e textos retirados do estudo no qual a notícia se baseou, tiveram como objectivo instalar o medo e a desconfiança junto dos pais e dos professores e desacreditar a APF bem como todos os profissionais envolvidos na promoção da educação sexual nas escolas. Os movimentos de opinião surgidos imediatamente após a publicação da referida notícia, os variados ataques veiculados por alguns órgãos da comunicação social à APF e a petição, posta a circular na net, de repúdio pelo conteúdo dos programas de educação sexual e exigindo, entre outros, a responsabilização da APF pelos supostos danos causados, levou um conjunto de cidadãos, publicamente reconhecidos, a lançar um Manifesto de apoio à educação sexual e à APF. Para além de expressar o seu repúdio pela campanha contra a educação sexual nas escolas e a APF, o Grupo Promotor do Manifesto apela ao Ministério da Educação e à Assembleia da República que avaliem a aplicação da legislação existente em matéria de educação sexual e sugerem ainda ao Ministério da Educação que promova iniciativas urgentes com vista à generalização da educação sexual nas escolas bem como a reorganização das estruturas de promoção da saúde nas escolas (paralisadas desde 2003) a nível central, regional e local.



O pagamento da assinatura pode ser efectuado mediante envio, para a APF, de Cheque ou Vale de Contas em nome da Associação para o Planeamento da Família, ou por transferência bancária para o NB 002300005008010109505

Cupão para assinatura

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

Código Postal _____

Contribuinte _____

Telefone de Contacto _____

E-mail _____

- Assinatura Individual €10,00
- Assinatura para Sócios APF / Membros da REDES €8,00
- Assinatura para Escolas e Instituições €15,00



Resultado da conjugação do tradicional quadro com as potencialidades das novas tecnologias, AREAL EDITORES apresenta o quadro interativo **MAGICBOARD**.

Uma ferramenta do futuro no presente, para uma melhor aprendizagem, com mais participação e mais motivação.

O **MAGICBOARD** é capaz de utilizar o seu computador a pensar em todos os níveis de ensino.

O **MAGICBOARD** é robusto, para se adaptar à utilização intensiva em ambientes de sala de aula.

Escrever sobre os documentos do Windows, guardar tudo o que escreve, converter as notas e os conteúdos.

Permite utilizar conteúdos em formato PDF ou HTML, podendo disponibilizá-los on-line ou transferi-los.

Controlar a partir da superfície do **MAGICBOARD** qualquer software que exista no seu PC.

Usar o "modo de conferência" para o ensino partilhado e à distância, através de uma rede local ou da Internet.



A ESCOLHA INTELIGENTE PARA UMA AULA MAIS EFICAZ



DM
 DEVESAS
 TAXA PAGA